



## O Jornalismo e a Cidade<sup>1</sup>

Célio José Losnak<sup>2</sup>

UNESP-Bauru-SP

### RESUMO

Este texto busca explicitar a vinculação entre jornal e cidade. Para isso analisa um diário produzido no interior do estado de São Paulo nos anos 1920. Um viés da produção editorial do veículo é apresentar o real a partir do recorte temático da cidade. A sociedade é reportada, discutida e delineada também na dimensão da vida urbana estabelecendo estreitos vínculos eles redatores e leitores. No caso específico do jornal analisado, Diário da Noroeste, ele também atua em nível regional, abarcando um elenco de urbes e reforçando as ligações em rede existente entre elas.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa, jornal; cidade; história; cultura

### Imprensa e Cidade

A Imprensa se consolidou como instituição nos últimos dois séculos, tanto na Europa e nos Estados Unidos, como no Brasil, os jornais ocupam importante espaço na sociedade contemporânea, adquirindo o estatuto de mediador na comunicação social a ponto de ser considerado um “quarto poder” (TRAQUINA, 2005). Há certo consenso de que a sua produção e circulação estejam voltadas para outra importante dinâmica da sociedade contemporânea, a cidade. Portanto, tratar da História da Imprensa e do Jornalismo tem como uma abordagem possível a íntima interação entre ele e a cidade. E esse é o tema deste texto.

Pesquisando a História do Jornalismo como profissão, Schudson (1978) chama a atenção para o *penny paper* como importante experiência social nos EUA, nos anos de 1830, apresentando-o enquanto expressão de uma nova fase na história dos jornais, na dimensão estrita da comunicação impressa, mas também como umas das expressões da sociedade que se consolidava: capitalista centrada na produção de mercadorias, nos valores de cidadania baseados nos princípios do cidadão nascido livre e da igualdade entre todos, no trabalho assalariado e na diversificação das profissões, como parte do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP com formação em História e que vem trabalhando com a articulação entre cidade e imprensa em São Paulo na primeira metade do século XX. E-mail: losnak@faac.unesp.br.



processo de complexização e crescimento da economia e da sociedade, e na dimensão urbana da vida social.

Para Schudson o caráter original do *penny paper* teria sido a invenção do conceito moderno de notícia. Pela primeira vez nos Estados Unidos, o jornal teria imprimido reportagens da polícia, das cortes judiciais, das ruas e da vida privada. Os impressos começavam a refletir não apenas o comércio e a política a vida e interesse de uma pequena elite, mas também a vida social, a variedade urbana da classe média ligada ao comércio, ao transporte e à indústria. As matérias voltadas para o cotidiano e explorando os escândalos e dramas humanos apresentavam temas de interesse do leitor comum e desvelavam cenas até então restritas ao mundo privado.

As manchetes e títulos curtos de primeira página chamam a atenção do leitor, os desenhos enredam o público com suas histórias e as fotos criam impacto perceptivo e informam rapidamente sobre o suposto acontecido. Alguns recursos visuais dos jornais se aproximam da publicidade que é entendida também como uma forma de comunicação típica das cidades modernas. O discurso publicitário dos cartazes e folhetos, dos reclames nos jornais, das placas e luminosos é fragmentado e multifacetado como o cotidiano urbano (PADILHA). Ele usa linguagens e percepções elaboradas na experiência do indivíduo que circula em meio a inúmeros estímulos e choques, entre estranhos e novidades. Para Benjamin (1991) o próprio jornal é uma colagem reunindo diversos fragmentos do real, não se constituindo em uma narrativa única, como as narrativas tradicionais baseadas na memória e na experiência. E tudo isso foi se constituindo na sociedade moderna e com predominância do urbano, uma linguagem dos novos tempos.

Nessa mesma linha da abordagem do cotidiano, alguns tablóides desenvolvidos nos anos 1920, também nos Estados Unidos, teriam aprofundado a tendência. Wallace defende que a produção, circulação e leitura dos *tabs* estiveram ligadas a várias transformações da cidade e da sociedade, tais como o aumento do índice de alfabetização e da população de imigrantes, o menor tamanho exigia menos gastos para publicação e para distribuição, também facilitava a leitura no ônibus, no metrô e até nos carros. O tablóide estaria mais sintonizado ao que acontecia cotidianamente na cidade e reproduziria suas imagens e dinâmicas com emoção e rapidez, utilizando fotografias, textos curtos e ligeiros como a tendência de vida urbana e industrial daquele período.

Novos temas, necessidades e valores estavam em jogo. Os interesses pelo consumo, inclusive pela moda e pelo do luxo, e ainda pelo uso do carro, demandavam



fascínio, preocupação e perspectivas. Novas sensibilidades, ritmos e práticas, com a perda da noção de comunidade na metrópole, instigavam o leitor a buscar referências de sentidos e orientação para mover em numa realidade atraente, multifacetada e com nuances do desconhecido. Cresce o interesse pelo esporte, pela vida mundana em novos espaços públicos de entretenimento e sociabilidade. Grupos sociais se formam e se movem demandando interação, comunicação entre si pelo impresso. O mundo privado e os escândalos de personagens famosos e ricos instigam a curiosidade.

O noticioso registra o factual, a informação do momento. Esse presente não é necessariamente urbano, mas as dinâmicas sociais dominantes, os valores e temáticas dispersas nas páginas impressas revelam a predominância da vida urbana. De alguma maneira, a cidade é o ponto de partida ou de chegada.

Nessa perspectiva, um dos critérios de denominação de alguns periódicos é lançar mão do nome da cidade para compor seu título. Nomear o jornal é também indicar sua linha de atuação, apontar ao leitor um dos recortes norteadores do perfil editorial, uma forma de estabelecer vínculos com a realidade a ser representada e buscar legitimidade (MOUILLAUD & PORTO, 2002). Quando periódicos remetem-se ao nome da cidade, eles estão buscando referenciar-se numa dimensão espacial, lugar e limites caracterizadores dela, numa dimensão administrativa que também delimita a diferenciação das urbes, e numa dimensão social, a suposta comunidade circunscrita àquela localidade. Outras possibilidades de recorte espacial/administrativo/social também podem ser encontrados em títulos, tais como referentes à países ou nações (como por exemplo, *Jornal do Brasil*), e à estados membros (tais como, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*). Importante destacar que o fenômeno não é apenas brasileiro, Schudson elenca os três primeiros *penny papers* estadunidenses da década de 1830 e pode ser identificado que dois deles remetem-se à cidade de Nova York (*New York Sun*, e *New York Herald*).

Em outra perspectiva Wallace (2005) enfatiza sobre a necessidade de abordar os jornais em relação ao mundo dos eventos reportados, mas ao contexto da construção desses eventos. A autora defende que investigando casos específicos de jornais inseridos nas suas comunidades, é possível identificá-los como agentes de mudança na construção da manutenção dessas comunidades e indutor importante de políticas para a cidade, apoiando desenvolvimentos, construção de bairros e, no geral, modificando o meio ambiente físico e construído. Em outras palavras, os jornais podem ser considerados, em determinadas situações, atores centrais nas transformações e melhorias locais.



A autora afirma em sua análise que proprietários de diários tiveram papel ativo na comunidade e, como cidadãos, revelam interferir nas mudanças locais, governam a prefeitura, estimulam o envolvimento com a administração da cidade, interferem em políticas de transformações econômicas e no progresso da cidade. Seguindo essa linha de atuação, os periódicos estimulam diversas campanhas, desde levantamento de fundos para a caridade até contra problemas de crescimento da criminalidade e no despertar de movimentos coletivos em torno da coesão e preservação de idéia de comunidade.

Esse tipo de atuação nem sempre seria realizado com objetivos nobres. Haveria interesses das empresas de comunicação e dos proprietários, bem como a articulação financeira e mercadológica com outras firmas. Enfim, os jornais teriam políticas e não haveria política sem poder e influencia, e muitas vezes, com a combinação de ambos, poder e dinheiro. Entretanto, para a autora, a questão é que nenhum jornal se mantém com poder muito tempo sem dar apoio às demandas da comunidade local. Em alguma medida ele precisa responder às necessidades e expectativas dos leitores, não apenas de seus interesses particulares. Esse seria um recorte no delineamento do perfil editorial em busca da representação dos interesses do público.

Em pesquisa desenvolvida e publicada anteriormente à de Wallace, Losnak (2004) identifica o mesmo fenômeno em jornais de uma cidade média do interior de São Paulo. Entre os anos 1955 e 1982, dois importantes diários de Bauru (*Diário de Bauru* e *Jornal da Cidade*). Os dois veículos eram instrumentos de interesses políticos de grupos visando poder e negócio. Principalmente o segundo, surgido em 1967, é criado com objetivo de apoiar a campanha política de um grande empresário visando à prefeitura local. A vitória e associação do prefeito, como líder da ARENA e representante dos interesses da presidência militar na região, com grupos dominante locais transformam o *Jornal da Cidade* em uma arena pública de debate sobre os destinos da cidade, as políticas públicas para ela, as perspectivas de futuro, a discussão sobre a cidade ideal e campanhas de diversos tipos envolvendo empresários, políticos, sociedade civil e grupos organizados. Há um limite nessa representação, apesar de efetiva ela é restrita às elites políticas, econômicas e sociais. As classes populares estavam em segundo plano. De qualquer maneira, essa imprensa se revela atuante e representativa dos segmentos médios e dominantes abrangendo um número significativo de público.

Outra autora (CRUZ, 2000) pesquisa a imprensa (jornais e revistas) na perspectiva da História Social, na cidade de São Paulo do início do século XX. A



abordagem é considerar a produção impressa como práticas social e componente do tecido social urbano. Um “suporte aglutinador e veículo de construção de visibilidade pública de inúmeras práticas culturais” que se disseminam com o crescimento e complexização da metrópole, tanto referente à chegada de imigrantes, como pela diversificação dos grupos sociais, das práticas profissionais e da difusão da cultura letrada e da vida nos espaços públicos. A imprensa transforma-se á medida que a sociedade urbana se modifica ao mesmo em que direciona atenções e hierarquiza temas contribuindo para desdobramentos dessa mesma vida urbana.

Alguns escritores/jornalistas cariocas atuantes na passagem do século XIX para o XX, tais como Lima Barreto (2010), Olavo Bilac (1996) e João do Rio (1997) tiveram parte de sua produção voltada para registrar e polemizar temas e acontecimentos da cidade do Rio de Janeiro. Medina (1998) já destacou o caráter jornalístico da produção de João do Rio. O repórter que sai a campo e observa, entrevista, registra, pesquisa e reporta espaços sociais pouco conhecidos pela maioria dos leitores dos grandes jornais. A apresentação de personagens raramente presentes nas páginas impressas possibilitava alargar o campo de visão do público suscitando estranhamento, mas possibilitando familiaridade, ainda que no conflito entre valores e hierarquias sociais.

Quando Sodré pesquisa e escreve sua obra *História da Imprensa no Brasil* (1999) e se concentra nos arquivos do Rio de Janeiro, ele parte de um referencial teórico que a capital da República era o centro financeiro e político do país. E a bibliografia histórica indica que ele estava correto, pois até as primeiras décadas do século XX ali estava o centro decisório em várias instâncias. O problema é que essa análise desdobra-se na idéia de que no Rio de Janeiro também era o local da imprensa moderna, empresarial, capitalista e profissionalizada.

É possível concordar que também ali se concentrava o maior número grandes veículos de comunicação sintonizados às novas transformações sócio-econômicas do país e do mundo aplicadas à imprensa. O problema é pensar a História na perspectiva positivista do progresso em que as transformações sociais ocorrem em etapas sucessivas, contínuas e retilíneas, rumando inelutavelmente no mesmo sentido, hierarquizando as fases e considerando que as mais novas são superiores, o tempo é homogêneo e monolítico, normatizando aquilo que seria típico do presente e do passado (BENJAMIN, 1985; CHESNEAUX, 1995).



Com essa abordagem, outras produções impressas são consideradas inferiores, atrasadas, amadoras, artesanais, atreladas à interesses políticos e sem expressão jornalística. Consideramos que diversas práticas jornalísticas convivem no mesmo tempo e lugar. Apesar de nas metrópoles ocorrer a predominância da grande imprensa, não inviabiliza a presença de veículos pequenos, sem objetivos estritamente comerciais e organizadas segundo princípios empresariais e profissionais. Os jornais operários, de sindicatos, instituições culturais, de comunidades de bairros e os étnicos são exemplo desse matiz. Embora não sejam necessariamente regulados por princípios do jornalismo moderno e profissionalizado têm sua importância social como veículo de comunicação.

### **As Cidades no Jornal**

Em pesquisa com jornais produzidos nas primeiras décadas do século XX em cidades novas do Oeste do Estado de São Paulo, que eram cortadas por ferrovias, é possível identificar os estreitos vínculos dos veículos com a sociedade local<sup>3</sup>. Com o sistema ferroviário implantado, estruturas urbanas surgiam e consolidavam-se e jornais eram abertos quase simultaneamente a implantação de municípios. Os periódicos se constituíam não apenas como um meio de comunicação na cidade, mas também registrando possibilidades de conexão com outras regiões, um meio de intercâmbio político, econômico e social.

Do mesmo modo que nos Estados Unidos da América (SCHUDSON, TRAQUINA, 2005), no interior de São Paulo, e na capital, a imprensa e o jornalismo surgem voltados principalmente para um público elitizado. Em seus primórdios, os veículos concentravam seus leitores dentre os letrados, empresários, negociantes, fazendeiros, profissionais liberais e políticos (CAPELLATO, 1980; 1989). Além dos assuntos cotidianos e corriqueiros, os jornais informavam sobre as questões econômicas, novas tecnologias, descobertas científicas, saber médico, produção artística, ideologias políticas e o debate em torno delas. Portanto, eles trabalhavam com valores e representações dominantes, tanto locais como mais amplas e eram veículos de educação e aprimoramento intelectual, moral e social.

---

<sup>3</sup> A Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi criada em 1868, em 1903, chegou à Agudos, e em 1961, à Panorama, na divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul; em 1871, foi fundada a Estrada de Ferro Sorocabana, finalizando em 1922 à beira do Rio Paraná, Presidente Epitácio; a Estrada de Ferro Araraquara foi criada em 1896 e, em 1951, atingiu a barranca do Rio Paraná, em Rubinéia; as obras da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foram iniciadas em Bauru, em 1905, e em 1908, chegava à Araçatuba, e em 1910, atingia o Rio Paraná, chegando a Porto Esperança, à beira do Rio Paraguai em 1914.



A partir das primeiras décadas do século XX, havia projetos republicanos de educar a população, torná-la mais saudável, alfabetizá-la com objetivo de criar cidadãos e inseri-los em uma nova ordem. Diversos autores já apontaram a presença dessa finalidade na imprensa da época. Como por exemplo, o *Estado de S. Paulo* tinha um projeto político liberal e de perspectiva educadora da população (CAPELATO, 1989), a *Revista do Brasil* discutia um projeto político para o país pressupondo o direcionamento dos intelectuais engajados em pensar a nação sob a liderança política paulista (LUCA, 1999). Apesar dessa perspectiva de cultura letrada e de projetos políticos presentes em muitos veículos, outras questões também estava em jogo. Uma delas é da cidade, da rede de cidades e da região.

Entre 1925 e 1930 foi editado em Bauru o *Diário da Noroeste* (DN). O discurso publicado afirmava que ele visava ser independente dos partidos e do financiamento oriundo de grupos específicos e atuar profissionalmente. Em seus anos de existência, entre agosto de 1926 e outubro de 1930, consolidou-se como um veículo noticioso, com anúncios de variados tipos, fazendo constante campanha para ampliação do número de assinantes, revelando intensa conexão com periódicos paulistanos e com a imprensa carioca, registrando debate sobre o papel dos jornais na época e na interação com os acontecimentos políticos e econômicos, enfatizando a imprensa como uma área profissionalizada, intelectualizada e independente.

No editorial “Nós”, do primeiro número, os redatores indicam as propostas norteadoras para o trabalho e antecipam o perfil desenvolvido nos anos seguinte<sup>4</sup>. Sintonizados ao jornalismo da época e tendo como referência aquele produzido pelo *Estado de S. Paulo*, o DN misturava várias tendências. Prestava o serviço da informação por via noticiosa atendendo às necessidades dos leitores em troca de pagamento monetário. Embora a palavra mercadoria não aparecesse em suas justificativas, o princípio do serviço de informação pago estava subentendido devido à justificativa de manutenção. Ao mesmo tempo, remetendo-se aos problemas do Estado e do âmbito público, ele delineava de maneira moderada, sem discurso exaltado, a idéia do quarto

---

<sup>4</sup> “**Cheios de mocidade e de civismo**, inteiramente alheios às esterilizadoras páginas políticas, sem dependências que nos entremem a ação e nos recalquem os brios, havemos de nos bater aqui com altanaria por todas as iniciativas nobres, agitar todos os **pensamentos altos, fomentar todos os empreendimentos** generosos, fazer, enfim, tudo quanto em nossas forças caiba para que seja cada vez maior, mais acentuadamente brilhante, **o progresso deste rincão feracíssimo do Brasil**. Para conseguirmos esse desideratum, traçamos todo um largo programa de ação que abrange múltiplos aspectos – largos **serviço de informações comerciais e industriais, notícias de toda a zona**, correspondências da capital, **estudos dos grandes problemas que interessam à coletividade, inquéritos às necessidades públicas**, etc, etc, que iremos pondo em execução à medida que se forem normalizando nossos trabalhos,...”. (DN, 01/08/1925, p.1) grifos nossos.





poder, fiscalizando e cobrando a atuação das autoridades com o argumento de defesa do cidadão e das classes produtoras.

A informação e a ênfase nos interesses da sociedade justificavam-se na medida em que o veículo deveria ser o condutor das idéias, dos debates, das necessidades reais e candentes do momento e das respectivas soluções. O jornalismo, para aqueles profissionais que começavam a voltar-se exclusivamente ao trabalho na redação, buscava legitimação na estreita vinculação com a sociedade regional. Um exemplo desse argumento, além do discurso inaugural já citado, é um texto laudatório a Irineu Marinho na ocasião da sua morte. Foi escrito pelo correspondente Pedro Ferraz do Amaral sediado em São Paulo<sup>5</sup>. A ênfase é o conceito de jornalismo defendido pelo DN e que seria praticado pelo recém falecido. Apesar do discurso apologético, idealizador e caloroso, como alguns ainda praticavam naquela década, destacamos os valores da isenção, da honestidade e do devotamento ao trabalho, colocados como modelares e, portanto, a serem seguidos pelos jornalistas desejosos de tornarem-se ou parecerem verdadeiros profissionais<sup>6</sup>. Dois dias depois, outro texto de jornalista paulistano e assíduo nas páginas do DN, Brenno Pinheiro<sup>7</sup>, defende Júlio Mesquita enaltecendo a figura como exemplo de jornalista a ser seguido e respeitado pela “hombridade profissional”, “convicção das idéias”, retidão na atuação sem priorizar interesses parciais e escusos<sup>8</sup>.

O *Diário da Noroeste* utilizava basicamente três linhas de atuação para interagir e buscar representatividade entre os leitores e anunciantes. A primeira delas era circular pelos trens da *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil* (NOB), ser vendido em todas as

---

<sup>5</sup> Pedro Ferraz nasceu em Piracicaba e, depois de experimentar o jornalismo local, atuou como redator em São Paulo em vários periódicos com destaque para *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, *Revista do Brasil*, *Diário da Noite*, *Diário Nacional* e *Correio de S. Paulo*. Participou da criação do Partido Democrático e dirigiu seu jornal oficial, *Diário Nacional*. Nos anos 1930, trabalhou no IDORT.

<sup>6</sup> “É preciso que se diga ainda uma vez: **Jornalismo não faz o diletante**. Falo aquele que, como Irineu Marinho, se lhe dá de corpo e alma, que **tem olhos para ver mazelas e ouvidos para ouvir reclames do povo**. Aquele que abdica de todos os prazeres mundanos, de todas as exhibições sociais, para se entregar à movimentação de sua folha, **à defesa das causas justas, ao bem público afinal**. Vida de abdições. Vida de renúncias. Vida de dissabores. Mas **vida proveitosa à coletividade**”. (Governo, Ciência e jornalismo...A mentalidade tacanha da maioria parlamentar. DN, 27/08/1926, p.1.) grifos nossos

<sup>7</sup> Brenno Pinheiro era redator de *O Estado de S. Paulo* e nesse período atuava no *Diário da Noite*.

<sup>8</sup> “Dentre poucos homens que, no Brasil, **não se deixaram arrastar pela onda avassaladora do oportunismo, embora em trato direto e continuado com a opinião pública**, Júlio Mesquita, diretor famoso do ‘O Estado de S. Paulo’, é talvez o nosso melhor e mais belo exemplo... ; da **hombridade profissional**;...; e sobretudo da **convicção das idéias e da firmeza nas atitudes** que não titubeiam diante mesmo do mandonismo dos homens que, às vezes, nos tem governado. Dirigindo a opinião pública de S. Paulo através de seu jornal, ele, **sem se moldar às conveniências partidárias**, há mais de 40 anos vem trilhando desasobradamente, o caminho das idéias liberais que tem ditado o país... Ao contrário dos jornais vermelhos, farejadores de escândalos, O Estado de S. Paulo, pela palavra autorizada de seu diretor, em notas concisas e sinceras sai a guiar seu público...” (Júlio Mesquita. DN, 29/08/1925, p.1)





idades percorridas e referir-se como representante da “Zona Noroeste”<sup>9</sup>. Eram constantes os anúncios de assinaturas e notas sobre a presença do representante do periódico nas respectivas localidades com o objetivo de contatar novos assinantes e receber o pagamento da anuidade<sup>10</sup>. Explorava-se a perspectiva da acessibilidade, da aproximação e da presença do representante como um acontecimento.

A segunda estratégia era noticiar fatos ocorridos nas cidades e escrever sobre temas e problemas de interesse específicos de cada uma e outros de dimensões mais amplas. Eram veiculadas ocorrências de vários tipos que apareciam na página um e dois. O conteúdo abrangia amplos aspectos. Havia casos policiais em pequenas notas, algumas vezes, com textos mais longos e, em certos casos, ocorria a continuidade por dias com novas informações e o desenrolar dos acontecimentos. Também eram constantes notas sociais que abordavam visitantes nas cidades, a presença de autoridades, festas cívicas, religiosas e mundanas, eventos da alta classe. Frequentemente apareciam informações oficiais tais como nomeação de professores, surgimento de novos patrimônios e juizados de paz, resultado de eleições, instalação de escola, criação de município, instalação de comarca, problemas de eficiência da ferrovia, inaugurações, construção e ampliação de serviço e infra-estrutura pública, tais como rede de água e esgoto, energia elétrica, telefone, praça, arborização, hospitais (GOBBI, 2010).

Publicava-se também notícias sobre conflitos políticos nas localidades, as perspectivas de solução e os impasses. Uma questão importante era informação sobre problemas localizados nas urbes tais como vagas insuficientes nas escolas, problemas e deterioração da cadeia, questões sanitárias e difusão de doenças, menção ao aumento da criminalidade e à necessidade de mais policiamento, precariedade de rodovias, reivindicações em torno delas e inaugurações de trechos. As páginas impressas registravam as queixas e reivindicações e buscava se apresentar como o mediador entre sociedade regional e as autoridades do Estado de São Paulo.

A estratégia de abarcar várias cidades já estava presente na composição do título do jornal ao utilizar o nome da empresa (Noroeste) e realçava a noção de rede de urbes

---

<sup>9</sup> Parte significativa do território paulista era recortado por essas zonas, tendo como as principais denominações: Zona da Mogiana, no âmbito da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, Zona da Paulista, na circunscrição da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, Zona da Araraquarense, correspondendo à Estrada de Ferro Araraquara, Zona da Sorocabana, referente à Estrada de Ferro Sorocabana.

<sup>10</sup> ‘Diário da Noroeste’. O nosso representante geral sr. Manoel Theodoro de Freitas visitou, no dia 26 do corrente, os nossos prezados assinantes de Pirajuy, onde foi muito bem recebido. Gratos.” DN, 26/08/1925,p.2. O anúncio corrente nas páginas do jornal era: “Anuncie no ‘Diário da Noroeste’. Jornal de grande tiragem de larga circulação em toda a zona e com desenvolvido serviço de informações”.

componentes da Zona que já existia difusamente na representação social da região. Para isso havia a seção “Notícias da Zona” que continha notas sobre acontecimentos ocorridos nas cidades à beira da linha, no estado de São Paulo, e mencionava localidades do atual estado do Mato Grosso do Sul<sup>11</sup>. Há inclusive artigo em que Bauru é alçada à “Capital da Noroeste”, nomeando-a a principal urbe situada na linha, local onde estava sediada a NOB e era o ponto de convergência de todos que se deslocavam para e pelos trens da Noroeste. Essa visão era reforçada pela posição de Bauru como ponto convergente com as outras duas linhas férreas (Paulista e Sorocabana) que ligavam à São Paulo e à outras regiões. Enfim, o território da ferrovia era definidor de uma identidade para a rede de cidades e para Bauru e seus moradores, tornando-se independente do nome da companhia ferroviária a ponto de descolar-se completamente e permanecer até depois do nome ser extinto em 1957, com a incorporação da NOB pela Rede Ferroviária Federal.

A terceira atuação do DN na busca de legitimação e representatividade social era a veiculação de textos ufanistas da região ou reivindicativos dela. Esse material era produzido por redatores locais ou correspondentes e visitantes que viajam pelos trens, visitavam as cidades e depois escreviam sobre elas. Nesse sentido, eram constantes abordagens laudatórias das localidades e da Zona Noroeste. Dois jornalistas de fora aparecem com recorrência em 1925, Brenno Pinheiro e Raphael de Hollanda<sup>12</sup>. Em 1923, Brenno Ferraz, redator e editor do *O Estado de S. Paulo*, havia percorrido a região, visitado as cidades, feito vinte e quatro reportagens que foram impressas diariamente no Estadão. No ano seguinte todo esse material fora publicado em forma de livro, pela editora de Monteiro Lobato, com o título de *Cidades Vivas* (LOSNAK, 2008).

O Diário da Noroeste incorporou essa estratégia de levar jornalistas às cidades para que escrevessem sobre elas, mas agora com textos menos informativos e mais adjetivados, superficiais, ufanistas, triunfalistas em torno das urbes da Zona Noroeste. No decorrer do segundo semestre de 1925, período de consolidação de sua atuação, são recorrentes os textos informativos com ênfases laudatórias das cidades, da região e dos

---

<sup>11</sup> As principais cidades eram Avaí, Presidente Alves, Pirajuí, Lins, Cafelândia, Penápolis, Promissão, Araçatuba, Três Lagoas, Campo Grande e Aquidauana.

<sup>12</sup> Raphael de Hollanda era paraibano, engenheiro de formação e jornalista carioca. Nesses anos, trabalhava na redação das revistas *Actualidade* e *Phoenix* e era correspondente do DN no Rio de Janeiro.



personagens locais. Alguns títulos já indicam esse perfil de atuação social com o objetivo de buscar representação na sociedade regional<sup>13</sup>.

O perfil editorial que o DN vai construindo no decorrer de sua existência revela a opção de colocar-se como o quarto poder e ser agente ativo na elaboração e consolidação de uma opinião pública debatida pelas elites locais, regionais e estaduais. E essa opinião pública elabora e amadurece temas candentes em torno das necessidades, problemas e alternativas para as cidades e as regiões. Um dos exemplos, além dos já citados, destaca-se a campanha criada pelo periódico em torno do “Congresso Regional da Noroeste” realizado em Bauru e propagandeado durante meses, em 1926 e 1927, objetivando unificar as forças regionais. Uma das conquistas desse debate foi a construção de um “Leprosário Regional” em Bauru (GOBBI, 2010).

No âmbito da cidade de Bauru há que se destacar duas questões. Uma delas é a ênfase em elementos considerados constituintes da cidade (GOBBI, 2010). Nesse sentido há textos destacando o comércio e a indústria local, como a instalação de uma fábrica da Companhia Antártica, valorizando a construção de um templo católico, saudando a abertura de uma agência bancária, a construção de um ginásio estadual e anunciando a conexão aérea com a capital paulista, argumentando sobre a necessidade de construção de um mercado municipal<sup>14</sup>. Muitos textos laudatórios já mencionados, e alguns deles elencados na nota 13, têm essa abordagem. Há também críticas às condições de praças e prédios públicos, à precariedade das ruas sem calçamento, aos inconvenientes das chuvas que erodem o leito carroçável e espalham lixo, às deficiências de serviço telefônico e dos correios, aos problemas de fornecimento de água, ao número insuficiente de vagas escolares<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Alguns títulos são: “As nossas cidades: Lins vai realizar grandes melhoramentos”, 12/08/1925, p.1; “Bauru, cidade maravilhosa”, 09/09/1925, p.1; “Bauru, terra do futuro”, 10/09/1925, p.1; “Bauru, terra do futuro”, 15/09/1925, p.1; “O espetáculo maravilhoso de uma terra de trabalho”, 15/09/1925, p.2; “Fitas naturais: O espetáculo cinematográfico da Noroeste: De Bauru à Lins”, 23/09/1925, p.1; “Fitas naturais: O espetáculo cinematográfico da Noroeste: Albuquerque de Lins”, 24/09/1925, p.1; “Vozes que elevam o coração da gente”, 26/09/1925, p.1; “Melhoramentos na Estrada de Ferro Noroeste”, 26/09/1925, p.2; “A noroeste: no trabalho, na política”, 27/09/1925, p.1; “Zona relâmpago”, 01/10/1925, p.1; “O grandioso monumento”, 03/10/1925, p.1; “O progresso da cidade. As indústrias reunidas F. Matarazzo em Bauru”, 14/10/1925, p.1; “Na noroeste: gente admirável, cidades que surgem – Guarantan”, 14/10/1925, p.1; “Mato Grosso de ontem e hoje”, 15/10/1925, p.1; “Cidade-trovão”, 27/10/1925, p.1; “As nossas cidades. Coroados vai em largo progresso”, 29/10/1925, p.1; “O estado policial geral na zona é bom”, 20/11/1925, p.1; “O Futuro de Bauru”, 12/12/1936, p.1.

<sup>14</sup> “A Companhia Antártica em Bauru”, 02/09/1927, p.2; “O Dr. Rodrigo Romeiro e a Igreja Matriz”, 15/06/1930, p.6; “O novo estabelecimento de crédito em Bauru”, 18/07/1930, p.1; “Bauru vai ter um ginásio”, 23/02/1926, p.2; “A Aerosul iniciará logo a construção de seu aeroporto, em terreno doado pelo Sr. Ernesto Monte”, 12/07/1930, p.1; “Linha aérea de São Paulo a Bauru”, 13/09/1930, p.1; “Bauru precisa de um mercado”, 02/08/1925, p.1.

<sup>15</sup> “Melhoramentos urbanos”, 23/02/1926, p.1; “Os nossos serviços telefônicos”, 11/11/1925, p.1; “A Agência do Correio de Bauru”, 08/11/1925, p.1; “Serviço de abastecimento de águas em Bauru”, 28/08/1925, p.1; “O problema da água”, 30/08/1925, p.1; “O serviço de águas em Bauru”, 24/11/1925, p.1; “Recenseamento escolar em Bauru”, 23/11/1925, p.1;



A segunda questão é a abordagem dos temas das condições de vida e sociabilidade urbana. O envolvimento dos moradores com os usos dos espaços, sobre as normatizações do comportamento do cidadão civilizado, que deve relacionar-se e mover-se com urbanidade, as entidades sociais agentes de práticas associativas e defensoras do bem comum<sup>16</sup>. Em contraposição ao padrão, há notas e reclamações sobre os segmentos perigosos e inadaptados, como mendigos, criminosos, loucos e desviantes<sup>17</sup>.

Um dos espaços importantes de registro de temas da cidade, particularmente referente aos problemas cotidianos e infra-estruturais e uma coluna que teria o objetivo de dar voz ao leitor (GOBBI, 2010). A seção “Queixas e Reclamações” era publicada quase diariamente na segunda página e estampava cartas assinadas e anônimas contendo problemas que incomodavam o emissor ou o jornalista comentava assuntos que havia chegado a ele. Desde entreveros entre vizinhos à críticas ao poder público eram estampadas nessa estratégia editorial. Com razoável isenção e liberdade o jornal tornava público questões que interessavam ao leitor colocava-se como representante dele. Depois de três anos de experiência a seção é extinta, em 1928.

Dois anos depois, em 1930, o *Diário da Noroeste* é empastelado e fechado, mas a articulação entre o jornal e as cidades da região persiste. No ano de 1931, o grupo do DN cria outro diário, agora denominado *Correio da Noroeste* (CN) mantendo o mesmo estilo editorial e o predomínio em Bauru até o início dos anos 1960 e encerrou suas atividades em 1968. Na busca da ampliação da circulação, o Correio gradativamente se expandia atingindo outras cidades e zonas ferroviárias mesclando várias delas. A alternativa para marcar e anunciar essa representação é o slogan. Em 1934, o Correio estampa impresso logo abaixo de seu nome “Diário Matutino – Das zonas Noroeste, Alta Paulista e Sul de Matto Grosso” e, em 1936, “Diário Matutino – Das Zonas Noroeste, Alta Paulista, Central e Alta Sorocabana, sul de Matto Grosso e Norte do Paraná”. Como forma de organizar e apresentar a cobertura desses territórios há nas páginas internas quadros de diversos tamanhos, separadas por nítidas linhas, para noticiar sobre as principais cidades existentes em cada eixo ferroviário lançando mão do primeiro título do veículo, tais como *Correio da Alta Paulista*, *Correio da Sorocabana*

---

<sup>16</sup> “A cidade”, 09/02/1927, p.1; “A cidade”, 10/03/1927, p.1; “A cidade”, 18/03/1927, p.1; “Linha de tiro”, 21/11/1925, p.1.

<sup>17</sup> “Mendigos”, 19/08/1925, p.1; “Os loucos”, 20/12/1925, p.1; “O policiamento da cidade” 30/12/1925, p.1; “O policiamento da zona”, 09/01/1926, p.1; “Bauru não deveria ter guarda noturno? 04/11/1925, p.1; “A cidade”, 22/02/1927, p.1; “A cidade”, 27/02/1927, p.1.



(SOUZA, 2010). Esse recurso constituía-se na inserção de um pequeno jornal dentro do jornal, com o título específico desdobrado do título principal (*Correio*) e correspondente aos interesses e identidade dos moradores daquela região. Seria um precursor antecessor do caderno regional.

Ao mesmo tempo, o registro dos acontecimentos não se restringia a essas colunas, muitas outras localidades apareciam dispersas em notas, notícias e anúncios, mesmo para aquelas urbes que já apareciam nas seções gerais. Os assuntos variavam informando sobre acontecimentos sociais, problemas urbanos, ações das administrações municipais, questões econômicas, assuntos locais relativos à ferrovia, menção à aniversário dos municípios, visitas de autoridades políticas e reivindicações ao poder público em relação à problemas estruturais na região (CASTRO, 2010).

### **Considerações Finais**

A atuação do grupo de jornalistas do *Diário da Noroeste* revela que eles estavam articulados à cidade em que era produzido e à sociedade regional por onde o periódico circulava. O jornalismo praticado dialogava com as novas tendências da época, inspirando-se no serviço da informação, da notícia e da publicidade. Registrava em suas páginas elementos da realidade urbana dos leitores e colocava-se com mediador do debate público, ainda que muitas vezes centrado em perspectiva política e editorial elitista. Ainda assim, ele interagiu com cena urbana do interior, buscava representá-la e apresentava leituras sobre a realidade social da época.

### **Bibliografia**

- CASTRO, F. S. de C. **Cidade e Imprensa pelas Folhas do Correio da Noroeste, 1930-1935**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2010.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Brasil - 1900-200. Rio de Janeiro, Mauad. 2007.
- BARRETO, L. **Contos Completos**. Lima Barreto. Organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**. Obras Escolhidas v.III. 2.ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.



BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.197-221.

BILAC, O. **Vossa Insolência**: crônicas. Organização Antônio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAPELATO, M. H. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CAPELATO, M.H.; PRADO, M. L. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega. 1980.

CHESNEAUX, J. **Devemos Fazer Tábula Rasa do Passado?** Sobre a história e os historiadores. Tradução de Marcos A. da Silva. São Paulo: Ática, 1995.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

GOBBI, T. **Cidade, Sociedade e Imprensa no Diário da Noroeste**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2010.

LOSNAK, C J. Obras Impresas: um recorte do pensamento das elites paulistas das primeiras décadas do século XX. In: COELHO, J. G.; VICENTE, M. M (Org.). **Pensamento e Linguagem**: subjetividade, comunicação e arte. São Paulo Cultura Acadêmica: 2008.

LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana**: imagens e representações - Bauru 1950-1980. Bauru; Edusc. 2004.

LUCA, T. R. de. **A Revista do Brasil**: Um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Editora Unesp. 1999.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 3. ed. São Paulo. Summus. 1988.

MOULLAUD, M.; PORTO, S. D. **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora UNB, 2002.

PADILHA, M. **A Cidade como espetáculo**. Publicidade e via urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: AnnaBlume, 2001.

RIO, J. do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHUDSON, Michael. **Discovering The News**. A Social History of American Newspapers. Basic Books, 1978.



SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, A. C. B. de. **Saberes e Representações Sociais das Cidades no Oeste Paulista**: publicação e circulação de materiais impressos à beira da ferrovia Noroeste do Brasil. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.

WALLACE, A. **Newspapers and Making of Modern América**. A History. Westport: Greenwood Press, 2005.